

Índice

CAPÍTULO I — Sou eu, a Raquel	9
CAPÍTULO II — Sou eu, a Atara	15
CAPÍTULO III — Se a Raquel se salvar, será minha mulher	26
CAPÍTULO IV — Espero por ti, Atara?	36
CAPÍTULO V — Tu escolheste-o, Raquel	60
CAPÍTULO VI — Que história é a tua, Atara?	68
CAPÍTULO VII — Não me mintas, Raquel	87
CAPÍTULO VIII — Como te atreves, Atara?	96
CAPÍTULO IX — Para que viveste, Raquel?	112
CAPÍTULO X — Onde estavas, Atara?	122
CAPÍTULO XI — Mãe Raquel, abre-me!	146
CAPÍTULO XII — Estás aqui, Atara?	157
CAPÍTULO XIII — Quem perdeste, Raquel?	183
CAPÍTULO XIV — Que espécie de viúva és tu?	193
CAPÍTULO XV — A oração da Raquel	215
CAPÍTULO XVI — A tua vida, corça aprisionada	222
CAPÍTULO XVII — Tudo o que tenho é teu, Raquel	242
CAPÍTULO XVIII — Assim fomos	251
 Agradecimentos	 263
Notas de Tradução	265

CAPÍTULO I

Sou eu, a Raquel

Frente à porta fechada, ela está imóvel. Para quê tocar à campainha ou bater à porta? A mãe dele já reparou na sua presença. Presente o esboço de um movimento através da janela aberta da cozinha, silencioso como um pestanejar. Em cima do fogareiro, ferve um tacho enorme e atrás dele esconde-se certamente a mulher baixa, segurando uma colher de pau. Está a cozinhar sopa de lentilhas e o vapor irrompe para fora através da janela, inflamando-lhe as faces, impregnando-lhe os cabelos. Será que é para o filho querido que cozinha? Será que ele está aqui?

“Sónia, abra-me a porta”, clama em direção ao tacho, e acrescenta, sem necessidade, “sou eu, a Raquel.” Tem a impressão de ouvir a hesitação da sogra, duas sombras que se entrechocam. Será que vai ignorá-la, depois de ter posto a sua vida em perigo para vir até aqui?

Ascender naqueles dias à cidade de Jerusalém sitiada era um terror, com bandos de árabes escondidos na berma das estradas a disparar sobre as caravanas. Os amigos dela em Telavive tentaram dissuadi-la de ir, mas ela não desistiu. É um suicídio, insistiram, mas que remédio tinha ela? Enviara-lhe cartas sem fim, mas ele não respondera.

“Sónia, tenho de ver o Manu!” Tentou de novo. “Vim de Telavive de propósito. Estou preocupada com ele, não sei o que aconteceu. Ele está aqui em casa?” Naquele calor, o vapor envolve-a como se ela fosse um demónio soltando-se de uma garrafa e tem a sensação

de que vai derreter ali mesmo, deixando por único vestígio uma pequena poça que a sogra limparia com um grito ao descer as escadas. Já esquecera quão incomodativo era o sol de Jerusalém nos primeiros *hamsin*¹ da primavera, a arder precisamente por cima da sua cabeça. “Sónia, tenho sede”, grita, agarrando-se às grades da janela. “Pode dar-me um copo de água?”

Na sua primeira visita, há cerca de quatro anos, encontrara aquela mulher pesada em roupão, de pé, precisamente ali, no início das escadas, a esvaziar sem pestanejar uma cafeteira de água a ferver sobre as crianças do bairro que tinham colhido os frutos da sua nespereira. Alguns salpicos borrifaram o vestido vermelho com flores amarelas que vestira para aquela visita, e ela parou na curva das escadas, a ver as crianças que fugiam com gritos de pavor, bem como o sorriso maldoso que se espelhava no rosto que a observava de cima. Não é possível que esta seja a mãe de Manu e já se preparava para recuar, devo ter subido para a entrada errada, as casas aqui são tão parecidas, mas nesse momento ele saiu, dirigiu-se para ela pálido e envergonhado, e ralhou com a mulher de roupão em voz baixa. Sempre zelara pela cortesia e as boas maneiras, até partir sem um adeus e sem deixar uma carta.

Agora, por alguma razão, os frutos ainda estavam verdes, não atraíam ninguém para além de algumas vespas. Quando em breve amadurecerem, haverá certamente muita procura na cidade faminta e ela não ousará desperdiçar a água distribuída pelo posto. Como afastará a mãe dele os ladrõezinhos naquela primavera? Com pedras? E como a afastará a ela? Já que lhe roubou o fruto mais desejado?

Ouviu-se um ruído ligeiro vindo do terraço e ela dirigiu o olhar para o reservatório que ali fora colocado recentemente, um grande depósito para água, em chapa. Será que a sogra se esconde por detrás dele? Os árabes cortaram a água da cidade, contara-lhes numa das suas cartas, e tive de colocar um reservatório no terraço, para as emergências. Espalhei migalhas por cima dele, os pássaros vêm e debicam-nas, e pelo som que emitem, sei o volume de água que resta.

“Está aí, Sónia?”, tenta novamente. “Abra-me por um momento, não fico muito tempo, tenho de voltar para Telavive.” Que mais poderá dizer, que mais terá dito para enternecer o coração dela, por-

que finalmente se ouvem uns passos pesados de socos a aproximarem-se da porta, uma chave a rodar na fechadura, sem vontade. Eis a cara inchada, os cabelos gordurosos, os olhos negros, desconfiados. A mãe dele nunca a apreciou. Recearia que ela fosse bonita de mais, muito requestada, e que partisse o coração do filho querido da sua velhice?

Mas estava enganada. Foi ele que partiu repentinamente sem dizer nada. Ele que não respondia às suas cartas. Planeara a partida em segredo, e ela, na sua inocência, não suspeitara de nada. Sabia que ele andava agitado, atormentado, mas nunca lhe passara pela cabeça que ele desaparecesse completamente da sua vida.

“O que vieste cá fazer? O que queres?”, pergunta a mãe com uma pronúncia polaca carregada, apesar das dezenas de anos passados desde que chegara de Varsóvia. Ele também tinha vergonha da pronúncia dela, Raquel, pelos erros de dicção persistentes. O hebraico dele era muito bonito e elegante. Por momentos, recebeu nunca mais o ouvir. “O que quero eu?”, repete. “Quero ver o Manu. Ele está aqui em casa?” E por pouco não acrescentou: quero comer um pouco de sopa... porque o cheiro abriu-lhe um buraco de fome no estômago e ela tinha a impressão de desmaiar.

“Não o podes ver”, declara a sogra com satisfação. “Ele está doente e disse que, se aparecesses, para não te abrir a porta de forma alguma!” Por detrás das costas dela fita-a o quarto grande, escuro como uma gruta, no qual se ergue a cama dele ao lado da janela, com os estores corridos, e ela esforça a vista na tentativa de vislumbrar algum movimento por baixo da manta. Aquilo será a mancha da cabeça dele em cima do travesseiro? Agarra-se à moldura da porta, “Ele está doente? O que tem?”, pergunta num tom vencido, e a mãe replica com impaciência, “Raquel, volta para Telavive e não venhas cá mais, ele não te pode ver!”

Terá dito não pode ou não quer? Porque neste momento tem de se lembrar precisamente daquele pormenor, justamente agora, quando se prepara para aquele encontro aguardado. Não pode ou não quer? Mas uma questão mais incómoda perturba-a subitamente: porque não empurrou, naquela época, a guardiã maldosa e irrompeu pelo quarto. Já que era muito mais nova e forte do que ela e a teria vencido sem qualquer dificuldade. E podia ter corrido para a cama dele.

Se conseguisse chegar a ele, e falar com ele, talvez ele tivesse mudado de opinião e alterado o terrível anátema.

Porque desde então nunca mais o viu, há quase setenta anos, com exceção daquele momento fugaz, alguns meses depois no edifício do Rabinato, onde ele teve o cuidado de se sentar longe dela e de não a olhar, e logo a seguir ao fim da cerimónia humilhante, quando ela lhe quis dizer umas palavras de despedida, ele virou-lhe as costas e afastou-se com passos rápidos e ela ficou muda, precisamente no sítio onde se tinham casado. Só então reparou na data, 17 de agosto de 1948, o mesmo dia precisamente em que tinham casado no ano anterior.

Quantos sonhos quebrados naquele ano, tantos princípios que ficaram sem continuidade, suspira ela agora enquanto lava ameixas frias e lisas para a sua convidada que já está atrasada. Tinha ligado uma hora antes e quando Raquel ouviu a voz dela receou que tivesse ligado para anular. Só então percebeu quanto ansiava por aquele encontro que quase lhe fora imposto, e que tentara adiar o mais possível.

No entanto, não foi para anular que Atara, a filha de Manu, lhe ligara, mas para informar que se atrasaria um pouco por causa dos engarrafamentos, e Raquel, que estava sentada muito direita no sofá, comeu ela própria as ameixas uma a seguir à outra e agora está a lavar mais três para encher a tigela vazia.

Hoje atrasam-se por causa dos engarrafamentos, dantes não sabíamos se chegaríamos de todo, pensa sentindo um ressentimento súbito ao lembrar-se da viagem de regresso de Jerusalém naquele dia horrível. Dezenas de passageiros assustados no autocarro, encolhidos e a tremer de medo dos atiradores árabes escondidos nas bermas da estrada, e só ela sentada de costas direitas, à espera da bala que quebraria a janela ao seu lado e lhe bateria na cabeça. Bastava uma bala para a separar da vida que lhe parecia então mais desesperada do que a morte. Porque não sabia o que esperar depois da morte, mas depois da separação dele, sentia então com total certeza que nada a esperava.

Precisamente naquele dia, os atiradores tiveram piedade deles. Nem uma única bala foi disparada para a caravana, e, quando o autocarro chegou em paz a Telavive, ela resistiu a sair. Queria voltar

para Jerusalém, colar-se de novo à porta até que se abrisse, e empurrar a mãe dele à força. Porque é que lhe obedeceu? Estúpida como o aldeão detido diante da porta da lei do conto tenebroso que Manu uma vez lhe lera. Mas ninguém sabia quando sairia outra caravana, e, enquanto ela estava ali desamparada, dirigiu-se-lhe um homem cujas feições lhe eram conhecidas, provavelmente encontrara-o num daqueles apartamentos clandestinos do movimento, e perguntou-lhe se precisava de ajuda, e ela, que era simultaneamente tímida e orgulhosa, fez que não com a cabeça, mas caiu logo desmaiada no asfalto em brasa, e ele levou-a em braços e não mais a deixou.

O destino assim o quis. Não havia outro caminho, Jerusalém estava cercada, e o coração dele também. A sua “Estrada de Burma”² não se desviou e talvez tenha sido bom, nunca o saberá. É completamente inútil recordar tudo isto setenta anos passados, e nem sequer lhe passaria pela cabeça, não fosse aquela visita que está atrasada, que a surpreendeu no teatro há alguns meses.

Uma mulher estranha dirigiu-se-lhe no intervalo, quando se encontrava numa fila comprida para a casa de banho, e quando ela se lhe apresentou emocionada, teve a impressão de que era a continuação da peça que tomara um rumo inesperado. Como é que me reconheste? Queria perguntar, espantada e irritada, como sabias de mim? Porque ela não contara aos filhos nada sobre aquele primeiro casamento, um casamento imaturo, que terminou sem qualquer razão, passado exatamente um ano.

“És a Raquel, não és?”, perguntou, quase a implorar. “Eu sou Atara Rubin, a filha do Manu, estou tão contente por te ter encontrado”. Manu, disse ela, e não Menahem, nem Professor Rubin, como se a considerasse parte do círculo restrito da família, e Raquel perscrutou-a, surpreendida com o pensamento absurdo de que aquela mulher podia ter sido sua filha. Era esbelta e fina como ele. Parecia jovem, muito mais nova do que os seus próprios filhos. Aparentemente nasceu quando ele já não era novo, ou talvez seja a roupa e o cabelo que lhe dão um ar juvenil. Cabelo negro, encaracolado e revoltado, *jeans* justos, botas, porque em torno dos olhos escuros grandes já aparecem algumas rugas. Escuros como os da avó, que cintilaram para ela com crueldade naquela manhã, mas mais amáveis.